ANNO II RIO DE JANEIRO, FEVEREIRO DE 1892 NUM. 3

GAZETA MUSICAL

Publica-se de 15 em 15 dias

Director-proprietario: Alfredo Fertin de Vasconcellos
REDACTOR-PRINCIPAL: IGNACIO PORTO-ALEGRE

Assignatura para a Capital Federal e os Estados: 10$000 annuaes; paizes estrangeiros: 12$000.
Redacção e administração: Rua da Quitanda, 42, para onde deverão ser enviadas quaesquer correspondencias e communicações, que não serão restituidas ainda que não sejam publicadas

O Canto-choral

(Continuação)

Se nos lembrarmos que o numero de canticos da igreja lutherana excede a sessenta mil, que foi á sua inflencia que nós devemos os contrapontistas, os harmonistas e organistas do seculo XVII, que tornavam n'essa época a Allemanha como a mais adiantada nação musical, comprehendemos immediatamente o grande valor de Luthero e a sua influencia no canto-choral.

Na sua importante obra *Da Influencia de Martinho Luthero no Canto da Igreja* (Hamburgo 1813) diz Ramback: *Seria injusto não confessar que ninguem se mostrou mais apto que Luthero para organisar nobremente e de uma maneira util o canto religioso e o serviço divino. Reunindo a imaginação á sensibilidade, a perseverança ao amor do povo, o gosto e o conhecimento theorico e pratico do canto a muitas outras qualidades que raramente se encontram juntas, elle era mais capaz que nenhum outro de fazer pelo canto da igreja o que effectivamente fez.*

N'esta obra do desenvolvimento choral na Allemanha foram poderosissimos os elementos que encontrou o frade reformador.

No aproveitamento de todos os cantos populares allemães, alguns dos quaes remontam ao seculo XII, encontram-se Haus Walter, Senlf, Arnol de Bruck, Finck, Raw, Agricola, Renisarius, Ducis, Dietrich, Stolzer, Wienemann, Vogelhuber e outros muitos, cuja ennumereção seria longa, e no seculo XVII encontramos á frente

do canto-choral compositores como Meilaud, Wolkeinstein, Sithus Cahlwit, os irmãos Praetorius, Scheidmann, Volpius, Burgk, Gumpeltz-lsaimer, Hassler, Steverlin, Eccard, Decker e outros.

Para contrapôr a esta numerosa lista de compositores e contrapontistas, cujo trabalho principal foi a musica da igreja, cujo objectivo foi o canto-choral religioso, o que apresenta a egreja catholica ?

Quaes os esforços por ella empregados para elevar a arte musical ou, pelo menos a musica da sua egreja ?

Já em 1550 J. Marbeck, celebre organista de Windsor, publicava em Inglaterra o primeiro livro sobre canto-choral destinado ao uzo dos calvinistas ; e o que tem feito o catholicismo ?

D'esse atrazo da igreja catholica, d'essa falta de sentimento esthetico, desse arreigamento pelo seu cantico gregoriano muito primitivo, apezar das suas raras bellezas, para as exigencias do desenvolvimento do nosso gosto musical, vem a introducção no seu culto dos canticos profanos, do aproveitamento que foi obrigado a fazer da musica de opera lyrica. E esse enxerto de uma musica profana no canto religioso é tão notorio que tem merecido reparos de quantos se dedicam á musica sacra.

O abbade Arnaud publicou propositalmente um livro para se queixar d'essa invasão da musica profana, e d'elle extractamos o seguinte trecho: *On a vu depuis et nous voyons trop souvent de nos jours les musiciens, par la faute du clergé, envahir le choeur, y faire entendre une musique plus digne du théâtre que des temples chrétiens, et ne prendre la place des chantres de l'église que pour flatter et distraire l'esprit des fidèles par les accents d'une melodie qui ne respire que le sensualisme.*

As considerações que poderiamos apresentar como justificativas do abuso de que se queixa o abbade Arnaud, podiam levar-nos longe de mais.

Não queremos de forma alguma entrar na questão puramente do dogma ; mas o que não podemos furtar-nos a dizer é que o *primitivo* do canto eclasiastico catholico é a causa unica d'essa necessidade de enxertar a musica profana no seu canto-chão, para que a igreja não seja abandonada como casa de monotonia.

Repetimos : o canto da egreja catholica não satisfaz absolutamente o desenvolvimento esthetico actual e, ao envez do que faz, devia a egreja aproveitar o caminhar da sciencia musical para reformar completamente a sua musica, guardando todavia com extrema avareza as obras geniaes de mestres como Palestrina, Cherubini e outros.

E' verdade que ha naturezas especiaes a quem esse canto agrada; mas não acontece assim á maioria.

Entre aquellas, nós encontramos Felix Clement que não põe duvida em affirmar ser a musica do canto-chão superior a toda a musica conhecida.

E' bem possivel, mas parece-nos erronea a opinião do distincto professor.

Se o canto-choral tem servido como reformador dos costumes, se é pelo canto-choral que se tem educado o povo, não é com certeza á egreja catholica que se deve essa educação e essa reforma, que o seu canto só poderá affugentar os seus fieis e não congregal-os; não é o canto gregoriano que tem levantado ao ponto a que chegou o moderno canto-choral; não é á força de antiphonas de caracter ultra-primativo que se concorre para o desenvolvimento do gosto artistico e para o engrandecimento da musica em nossos dias.

Quando pensamos que o soldado allemão segue para o combate, sereno e calmo, entoando os seus hymnos de guerra, hymnos que lhe recordam os seus grandes homens, os seus héroes, e que lhe dão o enthusiasmo e o ardor para a peleja junto á ideia do amor da patria, quando vemos que cada corpo de exercito tem o seu canto especial e que o soldado allemão é, antes de tudo, um membro de sociedade choral, nós admiramo-nos do poder da musica, reconhecemos o valor da obra de Luthero e sentimos todo o enthusiasmo pela creação de *orpheons* em todos os paizes, em todos os lugares.

Se desde o anno 350 da nossa era se canta na igreja catholica (porque Theodureto nos diz que n'aquelle anno já eram cantados a dois coros unisonos, um dos quaes respondia ao outro, os psalmos de David), se em desenove seculos não se apresenta grande desenvolvimento na sua musica, se ella não pensa em concorrer, no seu egoismo feroz, para o desenvolvimento do canto-choral, se hoje ainda ouvimos esses cantos primittivo que o papado quer conservar á força como uma parte do seu dogma, se todos os innovadores do canto religioso catholico teem merecido censura, o que podemos esperar d'essa egreja em prol da ideia que defendemos, em favor da causa porque nos batemos?

E ainda assim, nós vemos esses refractarios combaterem esse mesmo canto religioso desde os tempos mais remotos

Os padres de Neocesaria queixaram-se contra o uzo dos cantos na egreja, e tão forte foi a sua propaganda que Flavio, então bispo de Antiocha, precisando deffender-se, teve que provar que fazendo-os cantar na sua egreja de Capadocia seguia apenas o uzo estabelecido em todas as

egrejas do Egypto, da Lybia, da Thebaida, da Palestina, da Arabia, da Phenicia e da Syria. Que era uzo em todos esses povos juntarem-se os fieis, antes do dia romper, na igreja para cantarem psalmos e orações.

Já vem pois de longe o pouco amor do catholicismo pela musica.

A necessidade da musica, a influencia do canto sobre o povo, reconheceu-os a mesma egreja catholica quando Santo Ambrosio fez com que os fieis cantassem na cathedral de Milão, para se distrahirem do aborrecimento que lhes causava a perseguição feita á imperatriz Justina.

E é esta a differença: emquanto a egreja protestante trabalha sem cessar pelo engrandecimento do canto-choral; emquanto Luthero anima os compositores e poetas a escrever para o seu culto e funda um novo dogma pela simples influencia da musica; quando a Allemanha se colloca á frente da sciencia musical pelos seus córos, pelo seu gosto artistico por estes desenvolvidos; a egreja catholica conserva-se estacionaria, impede o aperfeiçoamento dos cantos primittivos, impede que as mulheres cantem nos seus córos, castra creanças para substituil-as, e mostra-se refractaria á arte, sem a qual a religião se não comprehende, se não impõe!

E' verdade que mais tarde veio um periodo brilhante de adiantamento e de progresso, mas a obra de Palestrina não escurece o horror das bullas de S. Gregorio Magno.

Havemos de tratar d'esse periodo, mas não cobre esse brilhante momento de expansão a época decadente em que se conservou o cantico catholico desde o tempo de S. Justino, morto no anno 165 da nossa era!

B. R.

(*Continúa.*)

Chronica

Quadra inhospita atravessa actualmente a misera arte musical!

Triste foragida, ha muito já que soffre a indifferença dos publicos poderes e dos que nasceram fadados a consagrar-lhe fervoroso culto.

Questões sociaes da mais alta importancia absorvem a attenção do nosso governo, que, agora mais do que nunca, se acha impossibilitado

de attender a outros reclamos que não os das criticas circumstancias em que se vê o paiz, abalado em seus alicerces pelas consequencias do novo regimen politico inaugurado a 15 de Novembro de 1889.

Quanto aos artistas, uns andam aproveitando ferias, em digressão pela Europa ou pelos Estados da Republica, outros, entregues aos seus labores quotidianos, agorentam a vida em licções parcamente retribuidas, supportando uma temperatura senegalesca e consumindo a paciencia com os discipulos, ou sacrificam horas de repouso, aboletados nas incommodas banquetas que lhe são destinadas nas orchestras dos nossos theatros.

Quanto aos amadores, esses limitam-se a, por desfastio, dedilhar o instrumento de sua predilecção, em intimo convivio e de portas a dentro.

Concertos e festas musicaes, isso é fructa mais que rara durante esta inexoravel quadra da canicula, dos boatos desencontrados, de uma vida, emfim, completamente fóra dos eixos normaes.

Todavia, por todas essas ruas innumeras da cidade, por todos os bairros e bêccos desta muito heroica *Pianopolis*, quando a gente passa, atarefado, na luta pela existencia, esfusiam dos sobrados e das rotulas, por entre as nuvens de pó que serpenteiam no ar abafadiço ou atravez da folhagem reseccada das arvores encaloradas que bordam as margens das lagoas, dos canaes, ou as praias do mar gemebundo, esfusiam, diziamos, baforadas de musica de todo o preço, musica barata e musica de alto cothurno, porque não ha por ahi casa que não tenha um piano, uma flauta, uma rabeca, uma clarinetta, um violão ou um *cavaquinho*, e o competente artista ou amador para a correspondente execução...

Mil vezes antes fosse menor o numero de instrumentos e mais apurada a familia dos respectivos executantes: lucrariam com isso a arte e as pessoas que lhe prestam verdadeiro e sincero culto.

∴

Essa profusão extraordinaria de pianos e de pianistas (porque, é preciso notar, o piano é de todos os instrumentos musicaes aquelle que mais abunda no Rio de Janeiro) é de tal modo nociva, não só á arte mas á propria existencia da burguezia pacata ou da aristocracia folgazã, que chega a perturbar até mesmo as raras festas musicaes organisadas na intimidade dos salões de familia, quando o acaso ou o proposito aggremiam alguns artistas e *dilettanti* para a doce confabulação com as Musas.

Vai adiante esse flagello : chega ao ponto de perturbar a serenidade de espirito necessaria a qualquer especie de trabalho, empeiora a quem se acha enfermo e faz adoecer a quem está de perfeita saúde.

* * *

Quantas e quantas vezes, um pobre artista ou *dilettante*, querendo preparar-se para um concerto em que tem de figurar, ou querendo mesmo entregar-se ao delicioso passa-tempo que lhe proporciona a leitura de um bom *spartito* ou de uma bôa composição musical, senta-se ao seu piano, abre as paginas que pretende decifrar e vê-se obrigado a renunciar a esse consolador entretenimento, graças á tumultuosa cáfila dos pianos, flautas e clarinetas da visinhança, que começam o seu medonho e desapiedado *concerto-charivari*, atroando os ares, ensurdecendo a gente, incitando os cães vagabundos a ganir desesperadamente !

Parece o dia do juizo final !

* * *

Não ha muitos dias, foi um amigo nosso, amador de fina tempera, victima de um desses assaltos dos melomanos seus visinhos.

Era uma noite calma, silenciosa, enluarada e convidativa.

Os ardores da nossa temperatura tropical eram, nessa noite, consideravelmente adoçados por uma brisa acariciadora, que soprava das bandas do mar.

Passadas rapidamente as primeiras horas de intima confabulação a respeito de varios assumptos mais ou menos agradaveis, houve quem pedisse ao amavel hospede um quarto de hora musical.

O nosso bom amigo não se fez rogar ; abriu o seu magnifico *Bechstein* e, tirando ao acaso uma das muitas musicas, que tinha na estante ao lado, começou a tocar o famoso *andante* de uma das *sonatas* de Beethoven, a dedicada *á morte de um heróe*.

Não havia chegado ao meio da primeira pagina desse bello poema musical, e da visinhança jorrou como por encanto o primeiro berro ensurdecedor de um piano velho, desafinado e gritalhão, que gemia sob o punhaço assassino de não se sabe que carrasco musicophobo.

Suspendeu-se a execução de Beethoven, á espera de que terminasse aquella outra *execução*...

Mas o importuno piano tinha contagio no seu berro. Antes que houvesse mastigado a primeira parte de uma *schottisch*, que anda agora por ahi muito em voga, recebeu de outro companheiro, atacado como elle,

da musicophobia, o preciso contingente para o *concerto-charivari* costumeiro.

O segundo piano ensurdecedor preludiava com todo o enthusiasmo e com toda a força de que é capaz um jogador de sôcco uma das tantas valsas *baratas* do exquisito repertorio alastrado por todos os cantos da nossa formidolosa Pianopolis.

A mão direita do pianista corria pelo teclado como gato por brazas, emittindo notas falsas, comendo compassos, fazendo verdadeiras diabruras, emquanto que a mão esquerda, cahindo ao acaso sobre os graves marcantes do acompanhamento, lembrava, pela violencia do ataque, o punho valente de um carregador de pianos a distribuir murros sobre uma *cabeça de turco*, em luta com o ponteiro do relogio que n'esse instrumento de medir forças musculares indica o grau de alentado vigor do mais bruto...

Não tardou muito e reuniu-se á gritaria dos dois pianos assassinos novo elemento de desordem harmonica: a voz forte e vibrante de um soprano dramatico.

∴

Houve, n'esse momento, sincero protesto de indignação contra os pianos, que não deixavam ao menos ouvir aquella voz, que se sabia pura e bem educada nos preceitos da arte do canto.

As notas do soprano dramatico sobresahiam ao *charivari* dos pianos, mas nem assim os assassinos deixavam de proseguir no seu fadario de destruição.

Ainda peior: reuniram-se-lhes dous ou tres pianos mais, *ejusdem furfuris*.

∴

Imagine agora ô leitor o que seria esse concerto!

Cinco ou seis pianos em luta, cada qual exhibindo o seu trecho favorito, em tom diverso, em rythmo diverso, a voz do soprano dramatico, e, ainda por cima, o ganir dos cães vagabundos, excitados por aquella embrulhada musical, e o ruido surdo dos bonds e das carroças em movimento, imagine o leitor que agradavel concerto!

∴

Nem se podia conversar!

E o dono da casa disse então aos seus amigos e hospedes:

— Vocês não queriam *um quarto d'hora musical*? Pois ahi o teem. Deliciem-se, porque eu já estou farto de regabofear-me com elle. Isto é todo o santo dia e toda a bemdita noite... Admirado estava eu de não ter começado a mais tempo o habitual accesso de musicophobia d'esta muito amavel collegada que me cerca os penates.

*
* *

Dissolveu-se o convivio. Cada qual tratou de fugir áquelle poste de supplicio, levando comsigo uma ponta de cephalalgia e o receio de enlouquecer.

Eis ahi: concertos, não os ha; espectaculos lyricos, não os temos; musicatas intimas, ninguem as póde realisar, porque a multiplicidade de pianos maus e de maus pianistas não lhes dá guarida. — E assim vive actualmente a pobre arte musical: abandonada por uns, massacrada por muitos e apenas contando com o fervoroso culto de alguns, que pouco ou quasi nada pódem fazer em seu beneficio.

Uma lastima!

A. CARDOSO DE MENEZES.

Correspondencia de Montevidéo

5 de Fevereiro de 1892.

O professorado musical não póde sympathisar com a estação dos pecegos e das peras de agua. As familias que passam a vida feliz dos abastados abandonam a capital, estabelecem vivenda nas quintas mais ou menos proximas, ou entregam-se, de corpo aos banhos de mar, e de alma ao repouso da sésta.

Um calor de 38° centigrados á sombra e 47° ao sol como, ha dias, nos castigou é o inimigo natural da musica. Suspendem-se as lições e pede-se o auxilio do gêlo. E' o que succede actualmente em Montevidéo. Pode-se dizer que os professores preferem os affagos do *pampeiro* ás amabilidades da canicula.

Não ha concerto, não ha *soirées*, e ninguem se atreve siquer a fallar de musica, a não ser das 8 ás 11 horas da noite quando as bandas regimentaes executam nas praças publicas uns programmas de seis ou sete peças, sem faltar a infalivel e eterna *Cavallaria Rusticana*.

Em conpensação, Montevidéo tem sido invadido por um verdeiro batalhão de *pianos mecanicos*, cada qual mais desafinado e insupportavel; e como até hoje este attentado não foi previsto nos codigos policiaes, somos obrigados a tolerar estes implacaveis substitutos dos antigos realejos.

O ultimo concerto, dado no theatro principal d'esta cidade, valeu mais de um desagrado. A *Gazeta Musical* desta cidade foi severa, criticando sem rebuço a execução de algumas peças orchestraes. Um dos regentes protestou, negando competencia ao redactor que ousara dar balanço á festividade musical que, por certo, não foi gratuita para merecer o silencio de quem tem a missão de analysar a capacidade dos sessenta professores de que se compunha a orchestra.

Em Montevidéo pois, como em toda a parte, a competencia de um critico está na razão directa dos elogios que dispensa aos artistas. Se *falla bem* é sabio, se condemna é ignorante; entretanto como disséra um poeta francez, o direito de applaudir ou censurar *est un droit qu'on achèté à la porte en entrant.* Ora, porque o preço da entrada é caro ou barato, não quer isso dizer que um concerto deve ser digno de applausos ou de *assobio*. Em Paris, Carolus Duran quiz impôr ao comprador de um quadro-retrato o *dever*, como elle entendia, de respeitar a sua obra, isto é, a obrigação de julgal-a excellente. O proprietario, um norte-americano, não attendeu as explicações *acidas* do artista e, n'um momento de mau humor, destruiu completamente o quadro, talhando e retalhando-o em todos os sentidos. Carolus Duran processou o *selvagem*, mas o facto de *ter o yankee comprado* constituiu um *direito* absoluto contra o qual nada pôde o pseudo-direito *moral* á obra vendida. Com Sarcey succedeu o mesmo. E' de recente data o processo intentado contra o artigo de critica no qual o velho Francisque distruiu a igrejinha das pretenções de um autor dramatico. Sarcey nada perdeu de seu direito.

Isto é intuitivo; o cerebro mais destituido de bom senso comprehende que o facto de ter-se comprado um *bilhete*, dá pleno direito de applaudir ou patear. A questão é que a nota estridula do meu apito ou do meus tacões possa vencer o sempre agradavel *ensemble* dos applausos. A critica póde magoar, mas é necessaria; o publico beneficia-se de semelhante severidade, e estamos certos de que se em Montevidéo se repetir a tentativa de concertos a grande orchestra, já as peças serão convenientemente ensaiadas.

E porque se trata de critica, aproveito esta opportunidade para dar o meu voto favoravel e sincero a esse trecho do artigo escripto pelo distincto collaborador B. R. da *Gazeta Muzical* em um dos numeros de

Dezembro de 91 : « Se é um facto que entre nós não se executa o hymno da Republica, é mais que certo que o estrangeiro o não conhece, e estaremos condemnados á ouvir eternamente festejar-se a Republica ao som da composição de Francisco Manoel, que, se representa um passado de tradições gloriosas, não representa comtudo, como o hymno de Miguéz, a phase gloriosissima da nossa emancipação politica ».

Nada mais veridico do que este topico. Em Montevidéo e Buenos-Ayres ninguem ouviu executar, nem por bandas nem por orchestras, o hymno da proclamação da Republica Brazileira; poderia até mesmo affirmar que não passará de meia duzia o numero de brasileiros que o conhecem siquer de ouvil-o tocar ao piano.

No dia 15 de Novembro do anno passado achavam-se na Legação Brazileira, em Montevidéo, alguns compatriotas com o fim de cumprimentar o nosso ministro que n'esse dia recebia as felicitações do Governo do Uruguay, do corpo diplomatico e dos brazileiros, por certo bem poucos, que cumprem com o dever de patriotas. A's duas horas da tarde apresentou-se á porta da Legação a banda de um dos regimentos e tocou o hymno de Francisco Manoel. Fallei então com o nosso encarregado de negocios, manifestando-lhe que, tratando-se de festejar a proclamação da Republica, era natural que se executasse o hymno de Leopoldo Miguéz.

Todos quantos ouviram as palavras por mim pronunciadas, concordaram com o meu parecer ; mas havia uma força maior que justificava o não se poder conhecer a obra do digno director do Instituto do Rio: a Legação Brazileira nunca recebeu nem mesmo um exemplar da partitura. Posso declarar, sem receio de equivocar-me, que a grande maioria dos nossos representantes no estrangeiro ignora que existe semelhante hymno. Para Montevidéo e Buenos-Ayres poderia pois o Governo enviar dez ou doze partituras para serem distribuidas pelas bandas militares, cuja formação, como ja tive occasião de dizer na anterior correspondencia, se não é de todo completa, é pelo menos digna de ser applaudida ; *podem-se ouvir*.

E' natural que se toque o velho hymno brazileiro, por exemplo no dia 7 de Setembro, mas o que é necessario é que no dia 15 de Novembro as bandas executem o hymno de Miguéz, porque para isso foi composto e não para ficar archivado nos recantos de um ministerio. Prescrever em que dias se deve tocar um ou outro hymno, é questão de regulamentação á qual não deve continuar a ser alheio o Governo da Republica. Os esforços da *Gazeta Musical* são, portanto, dignos do applauso dos

brazileiros que como o autor d'estas linhas reside em paiz estrangeiro sem por isso esquecer a patria e seus gloriosos anniversarios.

Quando o *Riachuelo* trouxe a Montevidéo o Sr. Quintino Bocayuva que veiu firmar *ad referendum* o famoso tratado de Missões, a banda que estava a bordo não executou jamais o hymno da Republica, Não me queixei de semelhante esquecimento, porque a mencionada banda era tão *pobre*, tão mal preparada, tão incompleta, que, sem duvida a obra de Miguez, teria sido *assassinada* como foram o hymno argentino e o de Francisco Manoel. A sinceridade obriga-me pois a declarar que havia muito tempo que não ouvia uma banda tão inimiga da afinação. Horrivel!

RAUL DE NANGIS.

Noticias do Rio e Estados

O CASO BORGONGINO

Ha dias já que uns artigos copiados e assignados pelo Sr. Enrico Borgongino, ex-adjunto de canto no Instituto de musica, apparecem nas publicações inedictoriaes do *Jornal do Commercio*.

Sem respeito pelo artista, sem consideração pelo homem publico, atira-se o *ex* ao nosso amigo Miguéz e, pela penna de um rabula qualquer, fórte em termos latinos, diz-lhe quantas insolencias lhe parece

Como particular e como artista não lhe deve o director do Instituto resposta alguma.

Para todos os artistas e para todo o Rio de Janeiro, — que todos conhecem o estimado e probo compositor brazileiro, — não precisa elle defender-se de accusações feitas por quem não soube estar á altura do cargo de que havia sido investido; não necessita elle justificar-se, nem siquer travar polemica, com quem é incapaz de comprehendel-o, porque o Sr. Borgogino em musica, seja como compositor, ou executor, ou professor, nunca nos deu uma ideia, siquer, das suas habilitações e do seu valimento que contestamos.

Como director do Instituto só deve contas dos seus actos ao ministro, seu superior hierarchico; e é bem possivel que esse tenha já sido informado do motivo que deu causa á não reforma do contracto do ex-adjunto em questão

Deixamos por um momento a norma seguida de não sermos pessoaes; mas trata-se do nosso primeiro compositor, trata-se de um dos nossos mais glorioros artistas, impossibilitado de se deffender ante a pequenez e insufficiencia do adversario, e não ha de ser o jornal politico quem venha tomar as dores por um artista.

Aos nossos amigos pedimos desculpa do abuso, mas é preciso convencer a esta gente, que se julga com direitos ás cadeiras de canto porque dá gritos estridentes de barriga, que esses direitos não existem e melhor collocados ficarão onde haja um orgão da Barbaria do que um orgão de Sauer.

Noticias do Estrangeiro

— Massenet tem quasi terminada a instrumentação de *Kassya*, a ultima partitura de Leo Delibes, a qual vae ser representada na Opera Comica. Logo que tenha terminado este trabalho vae começar a composição de *Thais*, opera que Louis Gallet extrahiu do curioso romance de Anatole France. Para completar a bella estação da Opera Comica ainda serão dadas: *Carmosina*, de Poise, e *Circé* de Theodore Dubois.

— Durante a sua estada em Milão Rubinstein declinou da honra que lhe queria fazer a *Sociedade de Quartetto* dando um concerto que lhe era dedicado, e recusou absolutamente a proposta de um emprezario que lhe dava 600,000 francos por uma *tournée* de tres mezes na America. Rubinstein fez-se ouvir uma noite no Hotel Milão, onde foi visitar Verdi, que dava justamente n'essa occasião um jantar de despedida a alguns intimos, entre os quaes se achavam Boito e o violoncellista Piatti. Cedendo aos pedidos de Verdi e dos seus convidados, Rubinstein sentou-se ao piano e, das nove ás onze horas, executou com a sua incomparavel maestria, a marcha funebre de Chopin, diversos trechos de Mozart e de Schumaun e algumas das suas composições.

— Continúa a ser questão palpitante em Londres o caso da adopção do diapasão normal francez de 870 vibrações simples. Todo o mundo reclama sobre as variedade de diapasão nos theatros da Inglaterra e no entanto, quando se chega á occasião de fazer alguma cousa começam as discussões improveitosas e que nada adiantam e fica-se na mesma. O

director de orchestra Lago, sendo consultado, chegou a affirmar a segunte estapafurdia opinião: que devia ser adoptado o diapasão elevado para os instrumentistas e o normal para os cantores!!!

A cantora Patey exige a manutenção do diapasão elevado porque outro qualquer prejudica-lhe o *seu* mi bemol !!!

Joachim, tambem interrogado, respondeu que o que não pode continuar é a massada de ter de conservar esticadas as cordas do violino dois mezes antes de chegar à Inglaterra para não soffrer grande differença ao exhibir-se.

No meio de tudo isto, até os organistas se opõem, com ciumes dos instrumentos em que tocam e por fim acabam tendo por normal... o diapasão brasileiro!

— Tem agradado muito em Lisboa, no *Fausto*, a cantora Maria Arneiro, filha do compositor musical Visconde do Arneiro.

As folhas locaes tecem-lhe grandes elogios.

— Frederico Cowen, um dos compositores inglezes mais estimados no seu paiz, trabalha em uma opera nova em quatro actos tirada de um libretto de Ouida e intitulada *Sigma*.

Já estão promptos tres actos

— Mais uma cantora na aristocracia: A *prima donna* Ida Zefferini, acaba de deixar o theatro por ter casado com o barão Vincenzo di Calamoncare, da familia dos principes de Grimaldi uma das mais nobres da Italia.

— Em Berlim constituiu-se uma grande commissão para cuidar da erecção em uma das principaes praças d'aquella capital de um monumento sumptuoso á memoria da grande trindade musical Haydn-Mozart-Beethoven. Para o trabalho de esculptura abrir-se-á concurso entre os mais notaveis artistas da Allemanha.

— Verdi e sua mulher têm estado gravemente enfermo em Genova com *influenza*.

— Massenet seguiu para Vienna onde devia dirigir a sua ultima composição *Werther* em dias do principio d'este mez.

— Deve representar-se brevemente em Berlim uma nova opereta de Max Gabriel: *Garde Ulanen*. O libreto é de Oscar Welten.

— Apezar do protesto que fizera de nunca mais dar concertos, Rubinstein, condoendo-se da miseria que assola Vienna, prometteu dar, em beneficio dos pobres d'aquella cidade, um grande concerto que se deve ter realisado no salão do Conservatorio.

— Representou-se em Dresden uma nova opera de Meyer-Hellnumd, intitulada *Liebes-Kampf*.

— Agradaram muito em Barcelona duas novas zarzuelas: *El Toque de Rancho*, de Marques e Sellares, e *Karravion*, de Frederico Gassola.

Da musica d'esta ultima dizem-se maravilhas.

— Nos dias 5 e 6 de Junho d'este anno realisar-se-hão na cidade de Fécamp, França, um grande concurso internacional de sociedades choraes. A municipalidade distribue numerosos premios de valor e tem tomado todas as providencias para obter preços reduzidos nas estradas de ferro e hoteis, facilitando assim a viagem e estadia dos apologistas de canto-choral.

Até parece cousa das nossas municipalidades ! !

— Dizem todos os jornaes americanos que Rubinstein voltou atraz da sua primitiva resolução e que aceitou a offerta de 25,000 libras esterlinas por cincoenta concertos a realisar nos Estados-Unidos em 1893.

300 contos em um anno!... Até dá vontade á gente de ir pedir um logarsinho na classe do professor Bevilacqua !...

— Foi grande a concurrencia ao primeiro concerto de musica de camara, dado em janeiro, na sala da sociedade de Geographia de Paris por Delsart, Rémy, Parent e Van Waefelghem. O que mais agradou foi: 1º quarteto de cordas de Schumann, *Requiem* de Popper para 3 violoncellos, um trecho para viola de amor e um bello quarteto com piano, de Widor, que tomou parte no concerto.

— No dia 21 do mez passado a cantora Alboni festejou, no seu palacio, o centenario do nascimento de Rossini. Tomaram parte na festa os cantores Faure e Mme. Krauss e houve uma parte choral.

Emfim, uma verdadeira solemnidade!

— Uma commissão de que fazem parte Ambroise Thomas, Massenet, Gevaert, Guiraud, Chabrier, Diaz, Duprez, Gille, Rillé, Armand Silvestre, Colonne, Daubé, Adenis e Gouzieu reuniu-se para organisar uma subscripção destinada a levantar no cemiterio de Colombes um monumento no tumulo de Henrique Litolff.

— Por occasião da Exposição nacional e concurso Regional que se devem realisar em Tours, França, em 1892, a administração municipal decidiu que se fizesse um grande concurso para bandas, fanfarras e *orpheons*, o qual se realisará no dia 3 e 4 de Julho.

Como sempre, as municipalidades da França não perdem a occasião de procurar elevar as suas associações musicaes e de crear incitamento ao progresso das sociedades de canto-choral. E entre nós—triste é confessal-o!—nem nas escolas se cuida de semelhante cousa !

— Tem estado bastante doente em Milão o *maestro* Arrigo Boito.

E' sua enfermidade a doença da moda: *influenza*.

CASA EDITORA

Fertin de Vasconcellos & Morand

ESTABELECIMENTO DE

PIANOS E MUSICAS

Sortimento de pianos de Pleyel, Herz, Gaveau, Bord, etc.
Aluga, vende e concerta.

MUSICAS DE TODOS OS EDITORES NACIONAES E ESTRANGEIROS

VARIEDADE DE

Mochos, estantes, isoladores, assucenas, diapasons, capas, etc.

42, Rua da Quitanda, 42

RIO DE JANEIRO

Companhia Importadora

DE

PIANOS E MUSICAS

Grande sortimento de musicas de todos os autores, tanto nacionaes como estrangeiros, a preços baratissimos.

Compra, vende, alúga, concerta e afina pianos, a preços razoaveis.

73, Rua Gonçalves Dias, 73

CAPITAL FEDERAL

A RABECA DE OURO

Grande fabrica de instrumentos de musica, premiados nas exposições do Brasil, Portugal, Philadelphia, e ultimamente na grande exposição Universal de Paris

João dos Santos Couceiro

Fornecedor do Instituto Nacional de Musica

Grande sortimento de Rabecas, Violoncellos, Contra-Baixos, Violões,

Bandolins

Todos os artigos pertencentes a instrumentos de musica são importados directamente da Europa.

Especialidade em cordas para todos os instrumentos.

N. 42, Rua S. Francisco de Assis, N. 42

(Antiga da Carioca)

Rio de Janeiro

PIANOS

Vende, aluga, troca, concerta e afina pianos com toda a perfeição, a preços razoaveis.

Compra pianos em bom estado

AFFONSO PIRES

29, Rua da Constituição, 29

RIO DE JANEIRO